



BRUNO ROMERO FERREIRA MIRANDA

**Johan Maurits van Nassau-Siegen**  
**revisitado: os tapetes murais e o projeto de**  
**decoração brasileira da Mauritshuis**

---

**CLIO: REVISTA DE PESQUISA HISTÓRICA**

Recife, v. 41, n. 2 (Jul-Dez), 2023, pp. 418-426.

<http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2023.41.2.15>

e-ISSN: 2525-5649

---



JOHAN MAURITS VAN NASSAU-SIEGEN REVISITADO: OS TAPETES MURAIIS E O PROJETO DE DECORAÇÃO BRASILEIRA DA MAURITSHUIS

*Resenha ao livro: ABBING, Michiel Roscam. Brazilië zien zonder de oceaan over te steken. De wandtapijten van Johan Maurits. Utrecht: Uitgeverij Lias B.V., 2021.*

*PALAVRAS-CHAVE:* Brasil holandês; Arte e decoração; Johan Maurits van Nassau-Siegen

---

JOHAN MAURITS VAN NASSAU-SIEGEN REVISITED: THE WALL TAPESTRIES AND THE BRAZILIAN DECORATION PROJECT OF THE MAURITSHUIS

*Book review: ABBING, Michiel Roscam. Brazilië zien zonder de oceaan over te steken. De wandtapijten van Johan Maurits. Utrecht: Uitgeverij Lias B.V., 2021.*

*KEYWORDS:* Dutch Brazil; Art and Decoration; Johan Maurits van Nassau-Siegen

---

BRUNO ROMERO FERREIRA MIRANDA  
**Johan Maurits van Nassau-Siegen**  
**revisitado: os tapetes murais e o projeto de**  
**decoreação brasileira da Mauritshuis**

---

Por quase sete anos, entre 1637 e 1644, Johan Maurits van Nassau-Siegen (1604-1679) foi o governador do Brasil sob domínio da Companhia das Índias Ocidentais, colônia de vida curta estabelecida nas Capitanias do Norte entre 1630 e 1654. Durante sua estadia no Brasil, Nassau, como é usualmente referenciado pela historiografia brasileira, financiou artistas e cientistas provenientes dos Países Baixos e de outras localidades da Europa para compor um registro visual e textual da fauna, da flora e dos habitantes desse vasto território. Mas por que Nassau financiou tal registro? Qual exatamente era o seu propósito, que terminou por resultar em uma ampla quantidade de desenhos, pinturas, gravuras e escritos legados para a posteridade e que constituiriam tema de uma variedade extensa de estudos?

As respostas a esses questionamentos constituem o tema central do livro *Brazilië zien zonder de oceaen over te steken. De wandtapijten van Johan Maurits* (Brasil visto sem cruzar o oceano. Os tapetes murais de Johan Maurits / *See Brazil without crossing the ocean. The tapestries of Johan Maurits / Brasil visto sin cruzar el océano. Los tapices murales de Johan Maurits*) escrito pelo historiador da arte Michiel Roscam Abbing. Com o intuito de responder à indagação lançada na abertura do livro, Abbing investiga e sugere que esses registros visuais integravam parte inicial de um amplo programa de decoração do palácio de Nassau, a *Mauritshuis*, construída ao lado do Parlamento da República das Províncias Unidas dos Países Baixos, na Haia. Para Abbing, o plano de decoração seria a gênese do comissionamento das pinturas, que serviriam de modelo para tapeçarias que futuramente integrariam parte da decoração da *Mauritshuis*. O projeto era de autoria do arquiteto Jacob van Campen, que também fora responsável pelo plano de edificação da *Mauritshuis*.

O livro, dividido em duas partes, contém nove capítulos, todos dedicados, após brevíssima explicação sobre a presença neerlandesa no Brasil, a reconstituir em detalhes o plano de Van Campen. Abbing percorre diversos

caminhos para tratar o tema, passando pelo mercado da arte nos Países Baixos, a mobília e outros objetos do palácio de Nassau, a arte da tapeçaria, as visitas documentadas à *Mauritshuis*, as representações do Novo Mundo e do Brasil na arte dos Países Baixos, as inspirações para as obras expostas e planejadas para o palácio de Nassau, a decoração da edificação e seus espaços projetados.

Como se sabe, antes de partir para o Brasil como governador apontado pela Companhia das Índias Ocidentais, em 1636, Nassau viveu em círculos escolados e de nobreza e tinha franca intenção de impressionar gente da elite dos Países Baixos, agindo como se ele mesmo fosse um monarca poderoso. Uma vez construída a *Mauritshuis* e esperando receber visitantes ilustres, Nassau comissionou Jacob van Campen para projetar a decoração de seu interior. Todo o arranjo do palácio seria baseado na ampla gama de objetos que Nassau trouxe consigo do Brasil. Ademais, artistas que foram para o Brasil sob seu patrocínio foram recontratados para o programa de decoração. Foram chamados os pintores Abraham Willaerts, Albert Eckhout e Frans Post.

A ideia de que houve um grande planejamento para a decoração do palácio de Nassau tendo como tema central o Brasil é uma hipótese posta por Abbing após análise de fontes diversas relativas ao projeto de Van Campen. Das mais importantes fontes usadas em *Brazilië zien zonder de oceaen over te steken* para a formulação da hipótese estão os escritos do colecionador e prefeito da cidade de Harderwijk, Ernst Brinck, que visitou o estúdio de Jacob van Campen, em Randenbroeck, em 1647. Foi de lá que Brinck registrou ter visto pelo menos 25 pinturas sendo feitas a pedido e custeio de Nassau. O próprio Brinck, em seu relato, subdividiu as pinturas em três grupos. O primeiro era de pinturas excepcionalmente grandes que serviriam de modelo para a série de tapeçarias que seriam postas no largo corredor superior da *Mauritshuis*. Os outros dois grupos também foram produzidos com finalidade semelhante, isto é, modelo para tapeçarias. As pinturas grandes foram feitas por Albert Eckhout, enquanto as menores – representando paisagens do Brasil – eram de autoria de Frans Post.

O número total de pinturas talvez tenha sido bem superior às 25 pinturas apontadas por Brinck, especula Abbing, que estima que foram feitas ao menos 50 pinturas. Elas não devem ter ficado prontas antes do fim de 1647. De qualquer forma, o projeto foi suspenso quando Nassau foi apontado como Governador Geral de Cleves, em 1647. Com novas prioridades, ele vendeu as pinturas grandes – modelos para as tapeçarias – para o Eleitor de Brandeburgo, em 1652. Dois anos depois, Nassau presenteou o Rei da Dinamarca com 26 pinturas. As paisagens pintadas por Frans Post permaneceram guardadas na *Mauritshuis* até que também foram dadas como presente. Dessa vez, seria o Rei da França, Luís XIV, a receber as telas de Post, em 1679.

Nassau voltaria a dedicar atenção ao projeto de decoração da *Mauritshuis* a partir de 1667, quando retornou aos Países Baixos após ser apontado como Marechal de Campo da República das Províncias Unidas. Uma vez que ele passava mais tempo em seu palácio, Nassau tinha a oportunidade de receber pessoas e de impressioná-las. Ele conseguiu trazer de volta as pinturas grandes, que serviam de modelo para as tapeçarias que decorariam o corredor superior, e comissionou o tecelão de tapeçarias Maximiliaan van der Gucht, da cidade de Delft, para produzir duas séries de tapetes. Uma seria destinada a decorar a *Mauritshuis* e outra manufaturada para presentear o Eleitor de Brandeburgo. Era um importante passo para a execução de seu projeto de decoração, ainda que levado adiante 20 anos depois de elaborado por Van Campen.

Essas tapeçarias ficaram prontas e há registro de que foram vistas e admiradas pelo Príncipe da Toscana, Cosimo de' Medici. Nassau, todavia, não conseguiu finalizar seu programa por inteiro, haja vista que presenteara o Rei da Dinamarca com boa parte das pinturas que serviriam de modelo para parte dos tapetes murais. Foram feitas adaptações ao projeto. No lugar de tapeçarias, foram colocadas pinturas e, mais adiante, afrescos.

Caso tivesse sido totalmente implementado como planejava Nassau, a decoração da *Mauritshuis* deveria causar grande impacto aos visitantes do palácio. Abbing, num exercício de imaginação ancorado em pesquisa documental, projeta como seria a chegada ao recinto. Do vestibulo do palácio, que tinha uma escadaria grandiosa talhada em pau-brasil, ver-se-ia uma tapeçaria com indígenas tapuias nus dançando. Na parte superior da escadaria, os visitantes seriam surpreendidos por imagens dos grupos de pessoas, de fortificações e de naturezas mortas de frutas tropicais dos locais governados por Nassau ao longo dos anos de 1637 e 1644. Tapeçarias também decorariam as passagens para outros cômodos do palácio.

Ainda esmiuçando em detalhes o palácio, Abbing aponta que a única porta visível dentro, na área de entrada interna da edificação, era uma porta dupla que conduzia ao próximo corredor. Uma vez aberta, seria possível ir para o amplo corredor superior que estaria todo decorado com tecidos enormes com desenhos de cenas do Brasil. Pássaros da fauna brasileira foram pintados no teto do corredor e lá também estavam dispostos itens exóticos, como animais empalhados trazidos da ex-colônia neerlandesa. Como diz o autor, se você visitasse esse corredor, não precisaria mais atravessar o oceano Atlântico para conhecer o Brasil.

Uma vez explorado os propósitos do autor e descrita a estrutura geral do livro, cabe fazer algumas ponderações, apontando ausências e qualidades do texto de Abbing.

Nassau intentou fazer de seu palácio europeu um grande gabinete de curiosidades. Na prática, já o utilizava como tal, haja vista as obras referentes ao Brasil e outros objetos que ele lá mantinha. Contudo, Nassau parece ter ido além. Com esse projeto visual de amplas proporções, Nassau almejava projetar poder e impressionar seus visitantes, facilitando, talvez, as costuras políticas na Europa das quais ele parece ter sido tão hábil, como aponta, ainda que sem aprofundamento, o autor. Há, ainda, um elemento muito comum e pouco explorado no livro, que é o da guarda de reminiscências da terra em que fora governador por quase sete anos, ponto que merecia ser trabalhado na obra, a exemplo de como Michiel van Groesen<sup>1</sup> tratou em artigo sobre a construção da memória do Brasil por parte de oficiais da Companhia das Índias Ocidentais que retornaram aos Países Baixos. A partir daí se origina outra questão que poderia ser abordada no livro: como essas imagens patrocinadas por Nassau, reconstruídas em mídias distintas (pinturas, gravuras e tapeçarias), podem ter ajudado a moldar – ou reforçar – as imagens do Brasil colonial na Europa do século XVII?

Talvez esse seja um desejo difícil de ser atendido e ainda fora dos propósitos do autor. Em contrapartida, Abbing conseguiu trazer informações sobre a recepção de alguns indivíduos às obras visualizadas na *Mauritshuis*, um feito interessante, haja vista os poucos registros disponíveis. Ademais, o historiador foi capaz de deduzir o resultado do projeto de Van Campen a partir dos modelos apresentados a Luís XIV, em 1679, junto com a análise da série de pinturas produzidas por Post e dos registros de quem passou pela *Mauritshuis* e pelo estúdio de Van Campen, como referido. Tudo isso foi feito em uma publicação meticulosamente editada, bem ilustrada, como pede um livro sobre o tema, e, o principal, embasada em fontes variadas de diversas instituições. Bibliotecas, arquivos e museus da Alemanha, Dinamarca, França, Inglaterra, Países Baixos e Polônia são referidos várias vezes, o que mostra inclusive que a copiosa produção sob a batuta e patrocínio de Nassau, uma vez fragmentada e dispersa pela Europa, tornaria a vida do pesquisador mais árdua para entendê-la e dar um senso de conjunto e propósito, como fez Abbing.

Abbing também fez uso de historiografia consolidada sobre o tema, passando pelas pesquisas de Erik Larsen,<sup>2</sup> Joaquim de Sousa-Leão,<sup>3</sup> Ernst van

---

<sup>1</sup> Michiel van Groesen, "Officers of the West India Company, their networks, and their personal memories of Dutch Brazil", in Siegfried Huigen, Jan de Jong e Elmer Kolfin (orgs.), *The Dutch Trading Companies as Knowledge Networks*, Leiden: Brill, 2010, pp. 39-58, <https://doi.org/10.1163/ej.9789004186590.i-448.19>.

<sup>2</sup> Erik Larsen, *Frans Post, interprète du Brésil*, Amsterdam/Rio de Janeiro: Editora Colibris 1962.

<sup>3</sup> Joaquim de Sousa-Leão, *Frans Post 1612-1680*, Amsterdam: A. L. Van Gendt Co., 1973.

den Boogaart<sup>4</sup> e Rüdiger Joppien.<sup>5</sup> Trouxe também as visões de algumas pesquisas mais recentes, entre Rebecca Parker Brienen,<sup>6</sup> Bia e Pedro Correa do Lago,<sup>7</sup> Britt Dams,<sup>8</sup> Mariana de Campos Françaço<sup>9</sup> e Michiel van Groesen.<sup>10</sup> Falta, todavia, um diálogo mais profícuo com pesquisadores brasileiros que produziram trabalhos muito conectados – e em certa medida divergentes – aos debates propostos, a exemplo das pesquisas, fruto de teses, de Mariana de Campos Françaço<sup>11</sup> e Daniel de Souza Leão Vieira.<sup>12</sup> Do último, por exemplo, há uma discussão muito interessante sobre a construção de uma paisagem política e de uma *pax nassoviana* que certamente era um dos elementos projetados naquilo que estava exposto na *Mauritshuis*. Ademais, Vieira apontou que as pinturas de Frans Post integravam algo maior. Especificamente, o pesquisador pernambucano enfatiza que “todo o repertório iconográfico desenvolvido artística, científica e politicamente por João Maurício [de Nassau compunha] parte das liturgias de poder no Brasil e da sua autopromoção no contexto europeu”.<sup>13</sup> Em Françaço, Abbing encontraria excelentes contribuições sobre a construção dos gabinetes de curiosidade europeus, a circulação de objetos do Novo Mundo na Europa e a própria montagem do gabinete de Nassau. A crítica a falta de melhor diálogo com o que é produzido por essas bandas pode ser estendida a muitos outros pesquisadores do norte da Europa – sobremaneira os

<sup>4</sup> Ernst van den Boogaart (org.), *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil. Essays on the occasion of the tercentenary of his death*, The Hague: Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979.

<sup>5</sup> Rüdiger Joppien, in Ernst van den Boogaart (org.), *Johan Maurits van Nassau-Siegen 1604-1679. A Humanist Prince in Europe and Brazil. Essays on the occasion of the tercentenary of his death*, The Hague: Johan Maurits van Nassau Stichting, 1979, pp. 297-376.

<sup>6</sup> Rebecca Parker Brienen, *Visions of Savage Paradise. Albert Eckhout, Court Painter in Dutch Brazil*, Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006.

<sup>7</sup> Pedro e Bia Correa do Lago, *Frans Post (1612-1680). Catalogue raisonné*, Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2007.

<sup>8</sup> Britt Dams, “Comprehending the New World in the Early Modern Period: Descriptions of Dutch Brazil (1624-1654)”, Tese (Doutorado em Artes e Filosofia), Universidade de Gent, Gent, 2016, <http://hdl.handle.net/1854/LU-8043401>.

<sup>9</sup> Mariana de Campos Françaço, “Inhabitants of rustic parts of the world: John Locke’s collection of drawings and the Dutch Empire in ethnographic types”, *History and Anthropology*, 28 (2017), pp. 349-374, <https://doi.org/10.1080/02757206.2016.1261856>.

<sup>10</sup> Michiel van Groesen, “Abraham Willaerts: Marine painter of Dutch Brazil and the Atlantic world”, *Oud Holland*, 132 (2019), pp. 65-78, <https://doi.org/10.1163/18750176-1320203002>.

<sup>11</sup> Mariana de Campos Françaço, “De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)”, Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2009.469951>; Mariana de Campos Françaço, *De Olinda a Holanda: o gabinete de curiosidades de Nassau*, São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.

<sup>12</sup> Daniel de Souza Leão Vieira, “Topografias Imaginárias. A Paisagem Política do Brasil holandês em Frans Post, 1637-1669”, Tese (Doutorado em Humanidades), Departamento de Línguas e Culturas Latino-Americanas da Universidade de Leiden, Leiden, 2010, <https://hdl.handle.net/1887/16073>; Daniel de Souza Leão Vieira, *Frans Post e a paisagem da Nova Holanda*, Recife: EDUFPE, 2019.

<sup>13</sup> Vieira, “Topografias Imaginárias”, p. 109.

neerlandeses – e alguns anglófonos, que pouco dialogam com a produção em língua portuguesa – sobretudo a de brasileiros.

Não há na obra, como de padrão em pesquisas de caráter mais acadêmico, um debate historiográfico e conceitual propriamente dito. O autor está interessado em entender o plano de Nassau, contextualizá-lo e representá-lo graficamente. É um texto bem construído, mas deveras descritivo e que não se posiciona em relação ao seu local de debate na historiografia da arte. Compõe um texto mais focado no público geral e talvez por isso Abbing não tenha interesse em elaborar construções teóricas e conceituais explícitas que ancorem sua pesquisa. É importante dizer que ao longo do texto ele vai citando, por meio de notas de rodapé, toda a base de sua pesquisa arquivística e historiográfica, indicando inclusive o uso de diversos estudos sobre a arte europeia e, em especial, sobre a produção e a cultura da tapeçaria. Trata-se de uma forma de representação praticamente inexplorada pela historiografia que se dedicou a pensar a produção de arte relativa ao Brasil neerlandês, um gritante contraste em relação a pinturas e gravuras, objetos mais frequentes de pesquisas daqui e do exterior.

Por outro lado, suas contextualizações contemplam estudos recentes, o que demonstra que o autor está ciente do que se produziu sobre a presença neerlandesa no Brasil, exceptuando-se, como exposto, obras na língua portuguesa. O trabalho de Abbing indica o quanto o Brasil neerlandês ainda pode render de pesquisas interessantes – inclusive quando mostra uma história dos objetos, de sua circulação e recepção. Abbing não é o primeiro a fazê-lo, no que se refere ao Brasil neerlandês, haja vista o pioneiro trabalho de Françaço,<sup>14</sup> mas o faz com elegância e pesquisa intrincada com o propósito de elaborar uma instigante narrativa. Seria muito interessante que contasse com uma versão em português ou, ao menos, em língua inglesa, de maneira que o seu texto pudesse ser incorporado, criticado e debatido em instituições do Brasil, em especial nos cursos de história, museologia e artes.

\*\*\*

---

<sup>14</sup> Françaço, “De Olinda a Olanda”.

---

Resenha recebida em 19-12-2023. Aceita para publicação em 08-01-2024.

---

Citação: Miranda, Bruno Romero Ferreira. “Johan Maurits van Nassau-Siegen revisitado: os tapetes murais e o projeto de decoração brasileira da Mauritshuis (Resenha a ABBING, Michiel Roscam. *Brazilië zien zonder de oceaan over te steken. De wandtapijten van Johan Maurits*. Utrecht: Uitgeverij Lias B.V., 2021)”, *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, v. 41, n. 2 (2023), pp. 418-426, <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2023.41.2.14>.

---

Bruno Romero Ferreira Miranda, Professor do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. e-mail: [bruno.rfmiranda@ufrpe.br](mailto:bruno.rfmiranda@ufrpe.br), ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0933-0463>.